

## Caso Galdino: a pena além dos acusados

Novély Vilanova da Silva Reis

O caso Galdino vai ficar na história do país porque se reveste de algumas peculiaridades. Os juristas e a justiça estão divididos em definir a intenção dos acusados no momento em que praticaram o ato. Agora os pais são expostos à curiosidade pública.

O jornalista, publicitário e advogado Carlos Pontes, no artigo intitulado. "Os Boys do Crime do Pataxó e a Falta de Deus" (*Correio Braziliense* de 26/4/99), assegura que "os psicólogos, psiquiatras e quantos foram chamados a opinar sobre o crime dos cinco rapazes de Brasília que atearam fogo ao índio pataxó, causando-lhe a morte, são unânimes em afirmar que os jovens de classe alta e média, pouco assistidos pelos pais envolvidos no afã do trabalho e na busca de dinheiro, poder e fama, tendem a perder os limites entre o bem e o mal, por ocasião das farras e bebedeiras..."

Não existe essa unanimidade a que se refere o articulista. A psicóloga norte-americana Judith Rich Harris, no seu livro *Diga-me com quem anda...*, sustenta que os pais não podem ser acusados pelo fracasso dos filhos. Tampouco devem ser cumprimentados se forem bem-sucedidos. Sua única responsabilidade seria a qualidade dos genes transmitidos aos herdeiros. Tudo o que acontecer a eles após o nascimento é consequência da influência do grupo de amigos, do bairro e da escola (*Folha de S. Paulo* de 28.2.99).

Vamos julgar os rapazes pelo que eles fizeram. Mas não agravem a dor dos pais com a acusação de que se descuidaram da assistência aos filhos para envolver-se na busca de dinheiro, poder e fama. Nesse fogo cruzado de opiniões vem uma palavra de ponderação das pessoas que estão do outro lado da tragédia. "Queremos uma justiça para que não ocorra a impunidade, mas ao mesmo tempo nós os índios não queremos ser cruéis com esses rapazes nem com família deles."

Os pais dos rapazes deram sim o exemplo e a orientação aos seus filhos. Fizeram o mesmo que a maioria dos pais faz de bom para seus filhos. Prova disso é que até agora ninguém foi capaz de demonstrar que eles participavam de gangues (como está na moda) ou que tivessem o passado comprometido com desvios sociais ou com as drogas. Se o modelo de educação está deformado, somos todos culpados, pois de alguma forma consentimos com o sexo na Internet e com outras licenciosidades exibidas na televisão. Somos todos culpados e não apenas os pais dos "boys do crime do pataxó Galdino". Quem invoca o nome de Deus não devia esquecer a lição de Cristo: Não julgueis para não serdes julgados!

A delinquência juvenil tem numerosas causas e não é um fenômeno próprio da sociedade brasileira. Veja o que ocorreu recentemente na pequena comunidade de Littleton, em Denver, capital do estado norte-americano do Colorado. Não se corrige esse problema com ódio ou palpites impertinentes. O caso Galdino não foi o único nem será o último. A sociedade já perdeu outras oportunidades para discutir essa tormentosa questão e formular novas políticas de educação. Mas ainda é tempo de fazê-lo, como bem sugeriu Marcos Terena.

Dizer que os pais dos rapazes estavam envolvidos com a busca de dinheiro, poder e fama é tão falso quanto à "unanimidade" concebida pelo mencionado articulista. Além de falso, queima, maltrata a alma das pessoas afetadas com essa tragédia. Não deveria ser assim, mas é bom que todos se manifestem sobre o caso; o importante é que depois tenham a grandeza de admitir ou refletir acerca da impropriedade de suas afirmações.

Eu também já tive a mesma opinião do sr. Carlos Pontes quando tinha os meus vinte e poucos anos e via os filhos alheios incorrer em condutas inadequadas. O destino me surpreendeu. Mas é assim mesmo. Há tempo para tudo neste mundo: tempo para dar palpites sobre a vida dos outros e tempo para temer o destino...

■ Novély Vilanova da Silva Reis é juiz federal em Brasília e pai de um dos acusados no caso Galdino